

Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

FORMAÇÃO E GRATIDÃO:
UMA HOMENAGEM À PROFESSORA MARILENA

Antônio Carlos dos Santos

Professor, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Brasil

acsantos12@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste texto é prestar uma homenagem à Profa. Marilena Chaui evocando um momento de minha formação e um outro de minha atuação enquanto chefe de departamento. Nos dois casos, registro minha gratidão à Professora, seja por essas marcas, seja por sua contribuição à filosofia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: formação, gratidão, filosofia.

Em 1995, quando vim fazer o Mestrado no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, não tinha conhecimento sobre o método estrutural. Evidentemente que eu já tinha noções da forma peculiar que o Departamento trabalhava, mas desconhecia seu *modus operandi*. Diante disso, aconselharam-me que eu assistisse as aulas da graduação na condição de ouvinte. Passei a fazer as disciplinas da Pós à tarde e, à noite, as da graduação. Decidi assistir os cursos do Prof. Renato Janine, do Prof. Paulo Arantes, e da Profa. Marilena Chaui, após solicitar a autorização a todos eles. Concentrar-me-ei, aqui, no curso da Profa. Marilena.

No meu primeiro dia de aula, a sala estava completamente lotada e por isso me sentei na última fileira da sala III, sentindo-me estranho naquele espaço. A Professora estava elegantemente bem vestida, num blaiser de um xadrez pequeno. Era um curso sobre a Ética de Espinosa. Qual não foi o meu espanto quando a vi e ouvi falar pela primeira vez: naquele momento, não sabia o que fazer! Minha perturbação mental foi tal que não sabia se anotava algo, se só deveria ficar ali, imóvel, olhando para a professora sentada ao birô; se contava os cigarros ininterruptos que ela fumava; se estava entendendo alguma coisa... Um mar revolto de informações mexeu com minhas emoções naquele dia que marcaram a minha vida.

Após a aula, fui para casa triste e pensativo. Ao chegar em casa, um colega com quem dividia o apartamento, vendo-me naquele estado, indagou-me: “O que aconteceu, Antônio Carlos? Está tudo bem contigo?” Mais ou menos, disse-lhe. “O que aconteceu?” – insistiu ele. “Eu tive aula com a Professora Marilena na graduação e me dei conta de que minhas aulas eram um lixo com 5 x!”, disse. “Dei-me conta hoje das imensas lacunas na minha formação”, completei. Esse colega, voltando-

se para mim, chamou-me à realidade: “Antônio Carlos, auto lá! Você está começando seu mestrado agora e já está comparando suas aulas às da Marilena Chauí?”. Este diálogo com meu colega me despertou para três coisas extremamente importantes para a minha vida pessoal e profissional: 1) em primeiro lugar, se quisesse ministrar aulas boas, como as da Profa. Marilena, precisava me esforçar ainda mais e estudar MUITO; 2) em segundo lugar, percebi que, embora não tenha entendido muita coisa da aula, eu fiquei profundamente tocado na forma pela qual ela ensinava e via nela um ideal, um referencial formador a ser seguido; 3) em terceiro lugar, sentia que aquele momento de contentamento mesclado com preocupação era único e que poderia estendê-lo ao máximo possível para os meus alunos, de modo particular, se pudesse me preparar adequadamente para dar boas e saborosas aulas, como a Professora fazia. Mas, vieram as dúvidas: conseguiria eu chegar a entender o tal estruturalismo? Saberá eu falar e escrever filosoficamente à maneira Uspiana? No final do curso, a Profa. Marilena Chaui leu para a turma a conclusão da Ética, que por vezes eu releio para mim mesmo como um mantra:

e o caminho que mostrei conduzir a este estado [de plenitude e contentamento] parece muito árduo, pode, todavia, ser encontrado. E com certeza há de ser árduo aquilo que muito raramente se encontra. Como seria possível, com efeito, se a salvação estivesse à mão e pudesse encontrar-se sem muito trabalho, que fosse negligenciada por quase todos? Mas tudo que é precioso é tão difícil quanto raro. (ESPINOSA, 1979, EV, P XLII, esc.).

Essa aula me marcou profundamente porque me dei conta que, em primeiro lugar, mesmo alguém que até então não conhecia o método estrutural, tinha condições de aprender. Em segundo lugar, dei-me conta que poderia levar esse conhecimento que obtive com esta aula para meus alunos também poderem se inspirar e aprender, “ousando o

saber”. Portanto, é sobre esta dupla experiência que tive enquanto aluno do mestrado e do doutorado aqui na USP, que gostaria de compartilhar com vocês, graças à marca da Profa. Marilena na minha formação. Não quero, com isso generalizar, mas, se ela me deixou marcas indeléveis, certamente isso teria ocorrido com vários outros alunos. Na verdade, ninguém passa incólume ao ser tocado pela Professora Marilena. No meu caso, ela deixou, assim como o pensamento espinosano, uma paixão alegre, feliz e libertadora.

Este texto está dividido em duas partes: na primeira, vou analisar aqui como o curso ministrado pela Profa. Marilena sobre o *Tratado Teológico-Político* de Espinosa, ofertado na Pós-graduação em 1996, vai marcar de uma forma indireta minhas pesquisas futuras sobre Montesquieu e os temas que envolvem a política e a religião. Na segunda parte, vou abordar como vinculação que nós estabelecemos, entre Professor e aluno, foi fundamental para ampliar e consolidar o Departamento de Filosofia da UFS que, naquele momento, tentava se reerguer, após ameaça de um novo fechamento. A visita da Profa. Marilena deu vida àquele Departamento, que parecia quase impossível, bem ao modo do final da *Ética*. Ao fim e ao cabo, gostaria de realçar a importância da formação para a vida pessoal e profissional de nossos alunos.

Salvo engano, no segundo semestre de 1996, a Professora Marilena ministrou um curso na Pós sobre o *Tratado Teológico-político* de Espinosa. Ao menos parte deste curso viria a ser o grosso do livro *Política em Espinosa*, publicado pela Cia das Letras, em 2003. Este curso me marcou

por diferentes razões: afinal, como esquecer as várias aulas da Professora, sempre saborosas e bem-humoradas, do prefácio do TT-P? Como esquecer a leitura minuciosa seja do ponto de vista do texto mesmo de Espinosa seja da tradução de Diogo Pires Aurélio, ainda que preciosa, mas sempre com algum reparo? Como esquecer a força dramática da leitura do início do Prefácio do TT-P: “Ah se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro, ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição” (ESPINOSA, 1988, p. III). Mas, nada é comparável à questão teórica de fundo do TT-P, que foi fundamental para a minha pesquisa sobre Montesquieu, ainda no mestrado, e que iria desenvolver amiúde no doutorado. É sobre este detalhe, de um curso de Pós-graduação, que inicialmente parece que não ter qualquer vinculação com o objeto de pesquisa, vai ecoar vivamente no aluno tempos depois.

Ora, o que diz o TT-P? Nos primeiros capítulos das três partes que integram o seu *Tratado*, Espinosa empenha-se em construir e oferecer uma definição de objeto a ser tratado livro a dentro: trata-se de um tipo determinado de religião, a revelada, isto é, a relação entre o homem e Deus, mediada por imagens ou sinais (vozes, visões, sonhos). Desde logo, ele parece por um problema para seu leitor: a teologia afirma que Deus é incorpóreo, puro espírito e que, na profecia, o profeta percebe o “espírito de Deus”. Por outro lado, os textos proféticos asseveram que, tudo o que o homem recebeu de Deus o fez por meio de imagens ou sinais dirigidos à percepção do profeta. Neste sentido, a profecia adquire um sentido ligado ao universo do conhecimento imaginativo, não mais no sentido especulativo e/ou científico sobre as coisas espirituais.

Na sequência, Espinosa vai apresentar o método histórico-crítico de interpretação da bíblia, levando o seu leitor a entender que ela,

a Bíblia, deixa de apresentar-se como livro universal da religião para mostrar a singularidade histórica, sendo difícil para compreendê-la não decorreria de seu suposto vagar de mistérios especulativos, mas da situação em que se encontra o texto. Ora, isso nos leva a crer que, se tudo o que há na Bíblia é acessível ao senso comum, nenhuma teologia poderia ter a pretensão de mais longe na universalidade. Assim, enquanto teoria imaginativa da fortuna, ora chamada vontade de Deus, ora de Providência, a teologia nasceu para dar à religião revelada um suporte mais firme do que as flutuações das paixões. Todavia, ao oferecer ao poder político os meios para dominar a sociedade por meio da superstição, ela também nasce para fortalecer um poder que lhe solicita fundamentos teocráticos, mas que, pouco a pouco, incorporando-se nela, acaba por consolidar a teologia como um novo poder. Por isso, já não se tratará, para Espinosa, de demonstrar que a filosofia e a teologia são dois saberes distintos, mas de registrar que a teologia é, no fundo, política.

O que este breve quadro do TT-P quer resumir? Penso que a Profª. Marilena faz uma síntese quando afirma:

O Teológico-político destrói as pretensões teológicas, demonstrando que a teologia é um não-saber cujo escopo é conseguir a obediência dos fiéis à autoridade do próprio teólogo, sendo por isso mesmo inútil para a fé, perigosa para a política e prejudicial para a filosofia (CHAUI, M. 2003, p.95).

Ora, e o que o TT-P de Espinosa teria a ver com Montesquieu? Em princípio, nada, ou muito pouco. O fato é que em 1996 eu estava tentando fechar a minha dissertação sobre o tema da corrupção em Montesquieu. Prof. Renato Janine, na época, meu orientador, queria que eu desse uma solução para a corrupção tal qual Montesquieu apontava, mas não encontrava uma resposta possível ou compatível com o

problema posto por ele. Para o Presidente do Parlamento de Bordeaux, a corrupção na república começa pela particularização dos interesses. Ela constitui uma apropriação indevida, para fins particulares, de tudo o que é relativo à política, violando os costumes e as leis, atraindo o regime do medo, espectro do despotismo. Como nesse regime não há diferença entre um civil e um escravo, visto que todos são reduzidos à “escravidão política”, é preciso confiar no que de mais elementar possa constituir o *ethos* coletivo, os costumes e as leis religiosas, únicas forças que podem barrar tal poder devastador. Para Montesquieu, a religião é o único elemento capaz de atenuar a força motriz da corrupção, à medida que pode fomentar valores coletivos e lembrar *ethos* originário de um povo já corrompido. Mas, indagava eu: isso seria uma via de mão única? A religião também não poderia ser motor de corrupção? A religião, não seria, ao modo espinosano, força política que, à luz da religião revelada, tortura o texto sagrado para convencer fiéis ortodoxos aos interesses políticos? Ora, essas questões eu não pude aprofundar no mestrado; não havia tempo e, talvez, não tinha a maturidade necessária para levar a pesquisa a fundo.

Em 1999, por ocasião do doutorado, queria continuar a estudar Montesquieu, à luz do que Espinosa já criticava o poder político da religião revelada no século xvii. Ora, o que mais me inquietava era que, embora Montesquieu afirmasse que não haveria como banir a corrupção da esfera pública, o máximo que se poderia fazer era dificultá-la. Considerava que as únicas forças que poderiam obstar o processo de decadência eram a religião e os costumes de um povo. Todos os comentaristas clássicos de Montesquieu são unânimes em afirmar que a religião exerce um papel de grande importância em seu pensamento. Interessava-me saber qual a relação entre a religião e a política no pensamento

do autor de Bordeaux. E mais: Qual o papel que cada um exerceria na esfera pública sem que nem um nem outro se imiscuisse no trabalho alheio? À luz de Montesquieu, como a política moderna poderia ser laica e, ao mesmo tempo, ligada a valores religiosos? Não haveria aí uma contradição nos termos? Questões como essas não tinham sido postas pela literatura existente e isso me instigava a lançar-me ao trabalho.

Graças ao curso da Profa. Marilena, a minha tese continuou na via do Teológico-Político, mas voltado para o tema da tolerância. Defendida a tese, continuei discutindo temas correlatos da tolerância, como o ateísmo, a secularização e as origens intelectuais do tema da tolerância no século XVII inglês, mas sempre pela via política. Os traços da Profa. Marilena continuam em mim e, enquanto puder, ela será uma fonte inspiradora e referencial teórico e pessoal.

Ainda em 1999, quando era aluno da Profa. Marilena, a convidei para ministrar uma conferência na Universidade Federal de Sergipe sobre o que ela desejasse. Na época, nem eu mesmo tinha a consciência da importância da presença da Professora no seio da Universidade. Penso que, até hoje, ela também não. Para que o leitor possa entender, farei algumas digressões e já vou pedindo minhas desculpas se os detalhes forem enfadonhos.

Após defender o mestrado, em 1997, já voltei chefe do Departamento de Filosofia da UFS, na condição de decano. Era um novo desafio porque nunca tinha assumido atividades administrativas e estava afastado da instituição havia dois anos. Minha política de trabalho foi atuar em

duas frentes: a primeira, reforçando a consistência teórica do curso por meio de reformulação de currículo, e a segunda, implementando uma política de absorção de novos professores para o Departamento, considerando que dentre os dez docentes iniciais, metade já havia se aposentado, o que fragilizou bastante o Departamento. Naquele momento não se podia fazer novos concursos e só restava contratar professores na condição de substituto por um ano, renovável por mais um. Isso porque, desde o governo de Itamar Franco, havia a proibição de contratação de professores por qualquer que fosse a razão. Durante este período, em que fazia incursões na Reitoria para conseguir mais docentes para o Departamento, recebi várias ameaças de fechamento do Departamento porque ele “estaria ilegal, uma vez que seu número mínimo para a existência era de dez docentes, e não cinco”, como ouvi várias vezes. É importante chamar a atenção do leitor que o DFL havia apenas cinco anos de reinstalado, uma vez que ele passou 25 anos fechado pela ditadura militar. A ameaça de um segundo fechamento era assustadora. Argumentava, todavia, que o problema não era o Departamento, mas a Universidade que não concedia a abertura de novas vagas, prejudicando repartições já fragilizadas, como o Departamento de Filosofia.

No que tange à primeira questão, o trabalho inicial foi bastante difícil. Sem muitos professores qualificados e com um quadro elevado de substitutos, resolvi retomar os contatos com alguns professores da USP para suprir algumas lacunas. Foi nesse sentido que convidei o Prof. Dr. José Carlos Estevão (USP), para ministrar um curso intensivo de História da Filosofia Medieval, por exemplo. Fiz o mesmo com outros centros de tal modo que todo semestre tinha, pelo menos, uma atividade com um convidado de fora para propiciar ao curso um ambiente filosófico e propriamente acadêmico. Foi nesse contexto que foram os professores

Roberto Markenson (UFPb), Gerd Bornheim (UFRJ), José N. Heck (UFG) e, a Profa. Scarlett Marton (USP), que lançou o segundo número dos *Cadernos Nietzsche*.

Ora, a ida da Profa. Marilena Chaui à UFS não só foi importante para nossos alunos, do ponto de vista da formação, mas sobretudo, do ponto de vista da sobrevivência de um Departamento como um todo. Boa parte de meus colegas não sabe disso até hoje. Talvez por ser decano daquele Departamento, carregue comigo o peso da responsabilidade institucional. A lei é clara: um Departamento só pode constituir-se com 10 docentes efetivos e, naquela ocasião, só tínhamos 5, ou seja, metade. Nunca cheguei a falar isso com a Professora. Nem no meu Memorial de Titular fui tão detalhista como estou sendo agora: a presença dela na UFS, além de ter mexido e marcado nossos alunos, deu ao DFL certo peso que até então não tinha diante das instituições internas da Universidade e que permitiu a ele, pouco tempo depois, aliado a tempos políticos mais favoráveis, adquirir novas vagas e recompor seu quadro de pessoal aos patamares regulares de 10 docentes. Enfim, este episódio me ensinou também a olhar com certa atenção alguns pedidos de alunos para visitar suas respectivas escolas. Orientados ou mesmo orientandos, sendo professores de escolas particulares ou públicas, percebendo não só a importância do caráter formativo da visita, mas também do referencial para o meu aluno, eu aceito participar, mesmo que isso me custe algumas horas de trabalho a mais...

Em gratidão à Professora Marilena por tudo que ela representa para a Filosofia no Brasil, por sua imensa importância para a democracia neste país, por sua colaboração para com o Departamento de Filosofia da UFS, em 2005, eu elaborei um projeto e solicitei aos Conselhos Supe-

riores da UFS a outorga do título de Doutora *Honoris Causa* à Professora e foi aceito por unanimidade. Desse vínculo pessoal com a Professora, passamos a conceber e formalizar um outro tipo de vínculo, o institucional, entre os dois Departamentos, de tal modo que uma nova geração de colegas professores da USP, tais como o Prof. Luís Cesar Oliva, Alberto Barros, Homero Santiago, Oliver Tolle, dentre outros, já estiveram no Mestrado de Filosofia ministrando cursos, participando de bancas, proferindo conferências em eventos. Mas este vínculo não foi de uma única mão: alunos e docentes do Mestrado de Filosofia da UFS já foram fazer estágio e missão de pesquisa no Departamento de Filosofia da USP. Este acordo institucional, aprovado e financiado pela CAPES/FAPITEC-SE, intitulado PROMOB (Programa de Mobilidade Acadêmica) tem gerado vários frutos e potencializado novos acordos e projetos comuns. Este é o quadro de um Departamento que esteve à beira de um segundo fechamento e que teve fôlego para se fortalecer, graças ao apoio da Profa. Marilena.

Se é verdadeira a ideia espinosana segundo a qual quando encontramos um corpo que convém à nossa natureza e cuja relação se compõe com a nossa, concluímos que sua potência se adiciona à nossa. Em sendo assim, as paixões que nos afetam são alegria e nossa potência de agir é ampliada ou favorecida. Por tudo isso, sou grato à Professora Marilena por ter me ensinado, com alegria, a experiência da formação e me ter potencializado a ação política no Departamento de Filosofia da UFS. A ela, retribuo, com gratidão, com um poema de Fernando Pessoa:

Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles.

Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato.

Fernando Pessoa

FORMATION AND GRATITUDE: AN HOMAGE
TO PROFESSOR MARILENA

ABSTRACT: The purpose of this text is to pay homage to Professor Marilena Chaui evoking a moment of my formation and another one of my acting as head of department. In both cases, I register my gratitude to the Professor, either for these marks, or for her contribution to philosophy in Brazil.

KEYWORDS: Formation, gratitude, philosophy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHAUÍ, MARILENA (2003) *Política em Espinosa*. São Paulo: Cia das Letras.
- ESPINOSA, B. (1988) *Tratado teológico-político*. Tradução: Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ESPINOSA, B. (1979) *Ética*. 2. Ed. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- SANTOS, A. *A via de mão dupla: Tolerância e política em Montesquieu*. São Cristóvão/Ijuí: EDUFS/EDUNIJUÍ, 2006.